

Porque o rádio tem história: reflexões históricas sobre o rádio no antigo Norte Goiano (1940 - 1970)

Maycon Dougllas Vieira dos Santos

Universidade Federal do Tocantins
Porto Nacional, Tocantins, Brasil
mdougllaso@gmail.com

Resumo: Os estudos voltados para a história da radiofonia brasileira consideram que o aparelho de rádio era um companheiro diário da população para todas as horas em inúmeras situações. Os diferentes usos desse veículo de comunicação geraram desde projetos de integração nacional até novos tipos de contatos com gostos, práticas e costumes advindos do exterior. Nesse artigo, pretendemos enveredar em parte dessa história do rádio através dos rastros deixados pela região norte goiana de outrora, estado do Tocantins de agora. Nesse sentido, refletimos também sobre os procedimentos teórico-metodológicos em torno dos desafios de narrar e construir uma história radiofônica, dada as dificuldades, limitações e escassez de fontes inerentes a tal experiência. A proposta visa tecer reflexões a respeito do rádio como instrumento da, na e para a sociedade, com linguagem e estética inseridas num contexto histórico favorável ao uso pelos nortenses. O norte de Goiás de então, apresentado muitas vezes como um lugar de atraso, aparece nessa trama, a partir do rádio, noutra tipo de relação pautada, sobretudo, na sintonia com outros espaços ditos modernos.

Palavras-Chave: Rádio. Norte de Goiás. Imprensa. História do Tocantins.

Introdução

Qual a importância do rádio para a sociedade brasileira? E para a chamada região Norte de Goiás? O que se coloca como uma das diversas reflexões propostas através deste trabalho diz respeito ao papel social do rádio no tempo e no espaço - tempo esse que possivelmente não foi o mesmo dependendo do espaço em questão, quando se observa, por exemplo, pelo viés do desenrolar das experiências radiofônicas. No sudeste brasileiro, a primeira transmissão de rádio ocorreu oficialmente em 1922; já no Norte de Goiás, só ocorreu no final da década de 60. Cláudio Chaves Paixão e Liana Vidigal Rocha (2018, p. 74), apontam que

A comunicação por voz, no antigo norte goiano começou a ganhar corpo no início da década de 1960. Naquela época, as caixas de som instaladas nos postes das redes de energia e os alto-falantes das igrejas faziam com que recados, anúncios e músicas alcançassem um maior número de pessoas nos pontos em que os equipamentos estavam instalados.

O espaço, assim como o tempo, pode ser considerado uma chave de compreensão no que se refere aos usos do rádio no Brasil. O desenvolvimento tecnológico foi mais concentrado e dinâmico nas regiões sul e sudeste, contribuindo para que as experiências radiofônicas se propagassem primeiro por lá. Ronaldo Conde Aguiar (2007, p. 9) afirma, em seu *Almanaque da Rádio Nacional*, que, apesar de muitos não perceberem, “[...] o rádio foi um instrumento essencial à nossa feitura como nação”. A qual nação Ronaldo Aguiar está se referindo? Qual a ideia de nação? Se o rádio foi primordial para a “feitura” da chamada nação brasileira, por que as experiências radiofônicas foram discrepantes quando se tratam das diferentes regiões do país?

Parece tentador naturalizar as diferenças regionais quanto ao processo de modernização, considerar que os grandes centros urbanos eram potencialmente propícios a se modernizarem de forma mais acelerada e adequada que as demais localidades do país. Talvez seja essa a forma mais viável para justificar e explicar o desenvolvimento de uma região em detrimento da outra. Apesar de tentador, deve-se evitar a sedução desse engodo simplista que ignora a construção histórica desse progresso desigual e sua modernização sempre plural. Quando se acompanha a questão tendo o rádio como fio condutor da análise, uma contradição imediatamente salta aos olhos, pois ao passo que o rádio serve como instrumento de integração nacional, ou seja, que objetiva alcançar todo o país em sua integralidade, a sua própria materialidade denuncia a ineficiência desse projeto em boa parte do norte do Brasil. Dito de outro modo, a presença faltante do aparelho físico em muitas cidades do antigo norte goiano anuncia que a integração nacional foi desigual e que, se não acentuou, no mínimo manteve alguns espaços à margem. Certamente o aparelho supracitado foi importante na feitura da nação, sobretudo na produção de sensações, desejos e frustrações.

Nas palavras de Amorim e Camargo (2010, p. 3), “por se tratar de um instrumento de baixo custo, acessível, pequeno porte e programações diversificadas, o rádio exerce grande incidência na vida diária das pessoas, estejam elas nos centros urbanos ou nas zonas rurais”. O fato é que este veículo “acessível” chegou, se comparado a outros lugares, tardiamente no antigo norte goiano. Possivelmente por isso, a construção de uma narrativa histórica do rádio nesta região é quase tão inalcançável como foi também ali a instalação efetiva das estações radiofônicas.

Todas essas implicações engendram muitos questionamentos, dentre eles, destacamos a seguinte pergunta: Quais as razões que contribuíram para que o rádio chegasse ao norte goiano só depois da década de 1960? Vale ressaltar que não é porque

não havia estações de rádio no norte de Goiás que necessariamente não se tinha uma cultura de ouvir rádio na região, o que acreditamos que culminou no desejo e no anseio da população nortense em trazer uma “Voz do Norte para Goiás”.¹

Como parte do debate, gostaríamos também de trazer algumas reflexões que buscam “passear” nos meandros da relação entre a imprensa escrita e o Rádio, como os próprios vestígios da historicidade do Rádio nas folhas impressas. Intenta-se demonstrar como a imprensa foi, em muitos casos, porta-voz das emissoras de rádio, inclusive no norte de Goiás. No que diz respeito aos vestígios, essa seria uma das maneiras de se acessar o papel social do rádio. Não havia a preocupação por parte dos que trabalhavam nas estações de rádio de deixar gravados os programas, visto que quase tudo era feito em tempo real. No entanto, pode ser que alguns resquícios dessas histórias estejam espalhados nos arquivos e até mesmo na memória da população. E é nesta perspectiva que trilharemos.

Relações possíveis entre rádio, imprensa escrita e memória

Nesta seção será discutida a relação que o rádio possui com a imprensa escrita e a memória. O intuito é apontar caminhos metodológicos que possam auxiliar na construção de uma narrativa histórica sobre o veículo de comunicação supracitado. Com base na obra de Lia Calabre (2003; 2008), a despeito da complexa elaboração dos programas radiofônicos transmitidos em tempo real, são escassos os vestígios da considerada “época de ouro” do rádio no Brasil.

Não era preocupação central dos que trabalhavam nas estações de rádio deixar registrada sua história. Isso se dá pela própria natureza do fazer radiofônico: como era necessário um “grande número de profissionais” para a execução dos programas, nem sempre foi da alçada dos mesmos deixar para “futuras gerações” as formas de fazer do rádio e outros vestígios de sua historicidade. Nas palavras de Calabre (2003, p. 1):

Funcionando dentro de uma lógica empresarial, as emissoras de rádio não se preocuparam com a preservação de suas histórias. As tarefas estavam centradas no dia-a-dia. O objetivo principal era o da manutenção e da ampliação da audiência, o que significava uma busca constante de novidades nos modelos de programação e nas atrações artísticas.

¹ Slogan da primeira emissora de rádio em Porto Nacional - TO, divulgado na imprensa escrita local. *Jornal Porto Nacional*. Porto Nacional, 1967.

Tarefas centradas no cotidiano laboral, bem como o foco na ampliação da audiência: eis a natureza da radiofonia. E essa natureza permeia tanto os radialistas quanto os próprios ouvintes. O rádio se tornou o companheiro diário das pessoas, assim como grande parte do que era irradiado tornou-se pertencente ao cotidiano social. Portanto, “o rádio inovou, ao mesmo tempo em que absorveu e adaptou outras formas de arte já existentes” (CALABRE, 2008, p. 6).

Até aqui fica perceptível o quão complexo é tentar reconstituir uma história do rádio, sobretudo no norte goiano. Como apreender as experiências históricas vinculadas a este objeto quando suas ondas sonoras se perdem no ar? Cabe levar também em consideração que a “tecnologia” que poderia ser capaz de registrar o conteúdo radiofônico não era largamente utilizada, ainda mais para essa finalidade. No entanto, nem tudo está perdido. Para os que se aventuram na construção de uma narrativa histórica, das experiências radiofônicas, existem algumas possibilidades que podem contribuir para tal empreendimento.

No enfrentamento do nosso objeto de pesquisa, qual seja: o de construir uma história do rádio no norte goiano de outrora, constatamos que apreender o passado histórico do rádio impõe desafios. Na busca por fontes identificamos que essa experiência não está registrada de forma “oficial” e que os vestígios são escassos. Isto porque as primeiras rádios que surgiram no Norte de Goiás não possuíam concessões públicas para funcionar. Seu formato era, grosso modo, “clandestino”.

Porém, existem outras formas de se acessar a trajetória destas estações nortenses, dentre elas destacamos duas, sendo a primeira através de relatos dos profissionais da área e dos ouvintes, como sugere Calabre (2003), pois todos que vivenciaram o período, sobretudo a década de 1960, no caso do então norte goiano, podem ser considerados potencialmente como ouvintes dos aparelhos de rádio. Os mesmos, através da memória, podem revelar a importância do meio de comunicação para o cotidiano da população. A segunda forma seria por meio da imprensa escrita, como propomos nessa abordagem.

A autora acima mencionada revela a intrínseca relação que há entre rádio e imprensa, bem como da rádio com a memória. A respeito da imprensa, Calabre apresenta que existiu certa proximidade entre os meios de comunicação. É possível também dizer que os jornais e revistas da época de ouro do rádio foram os porta-vozes do veículo que estava em seu auge.

O crescimento da radiodifusão no Brasil foi acompanhado de perto pela imprensa escrita. Ainda na década de 1930 começaram a surgir algumas publicações especializadas em assuntos radiofônicos, como A Voz do Rádio

(1935-36). O rádio despertava muita curiosidade e debate entre o público em geral. As publicações alimentavam as discussões sobre o papel do rádio na sociedade (CALEBRE, 2003, p. 3).

Na história de Goiás é intrínseca a relação entre rádio e a imprensa escrita. Parte dessa assertiva está expressa no fato da imprensa escrita ser o principal propagador do rádio. Inúmeros periódicos, como o Jornal do Povo (1930), noticiavam a importância da radiodifusão para a sociedade goiana, anunciando e familiarizando a população com a mais recente novidade.

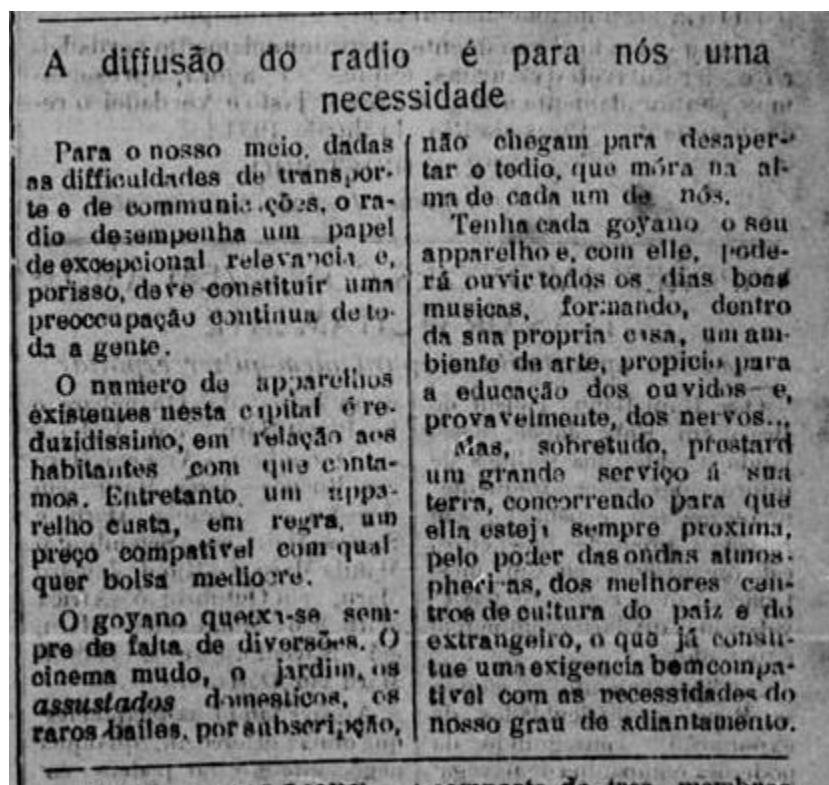


Figura 1: Trecho de uma notícia do Jornal do Povo sobre a necessidade do rádio em Goiás em 1933.

Fonte: Hemeroteca Digital.

Levando em consideração o fragmento do jornal, podemos inferir alguns apontamentos. Dentre eles, que a sociedade goiana não estava indiferente quanto à necessidade e à importância do uso social do rádio, visto que considera que, devido à falta de comunicação e transporte para outras regiões do país, o rádio poderia servir como uma “ponte” de relação e integração com os demais estados.

Se os goianos tinham essa noção a respeito do rádio, já na década de 1930, não se pode aventar a ideia de que as experiências radiofônicas se deram exclusivamente na região sudeste do país, porque, mesmo não tendo contato direto com a materialidade do rádio, os goianos experimentaram sensações, desejos e expectativas em torno da mais

recente novidade e suas possibilidades e promessa de integração. O que estamos propondo como reflexão é que a modernização promovida por esse veículo de comunicação transformou a mentalidade dos indivíduos que viveram este período, da primeira metade do século XX, tanto nos lugares onde de fato ocorreu a materialização deste anseio, como naqueles onde se teve apenas a aspiração e o desejo de modernizar-se. Durante esse período ter uma estação de rádio, em certa medida, significou estar em sintonia com o progresso e a modernidade.

O mais interessante é que a imprensa, nesse caso a imprensa goiana, ajudou a construir a ideia dos “benefícios” que os aparelhos de rádio poderiam trazer para a população, como, por exemplo, o fato do rádio trazer para dentro dos lares um ambiente de “arte, boa música” e “tudo mais que eram irradiados nos maiores centros culturais do país”. Esse fato nos faz refletir sobre uma questão cara à historiografia do estado: como uma região considerada por muitos contemporâneos como “isolada” teve contato com o que era irradiado nos outros lugares do país? Responder a essa pergunta pode oferecer pistas interessantes sobre a construção da noção de isolamento do estado e tencionar sua relação com outras unidades da federação, mas essa é outra história.

Além da imprensa escrita, um dos vestígios que transformaremos em fonte histórica será um programa que foi transmitido no dia 24 de maio de 2017, pela rádio UFT/FM intitulado *Na memória do rádio – o rádio no Tocantins*, constituído por entrevistas de inúmeros personagens que contribuíram para o advento do rádio no antigo norte goiano. Iremos analisar alguns trechos das entrevistas, entrecruzando com as fontes impressas, na tentativa de produzir uma narrativa histórica da chegada do rádio no norte goiano.

A história sintonizou o rádio?

Para tratar a história do rádio no norte de Goiás é preciso discutir algumas questões concernentes à aproximação do rádio com o campo disciplinar da História. Aproximação ainda tímida, no entanto, significativa. É possível inferir que grande parte dos pesquisadores da mídia sonora “rádio” destaca o caráter histórico do meio de comunicação, considerando, entre outros aspectos, sua historicidade. Aspecto emblemático que nos leva a outro ponto relevante: o fato de que muitas obras que tratam sobre a história da radiodifusão no Brasil são produzidas por estudiosos ligados à área da Comunicação. Dentre as obras mais recentes, o livro da jornalista Magaly Prado (2012), *A História do Rádio no Brasil*, traz um panorama geral sobre o rádio no Brasil,

ênfatizando personagens e fatos que marcaram época. Nair Prata, jornalista e professora da UFOP, organizou inúmeras obras que tratam sobre o rádio e sua história, dentre elas, *O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira* (2010) e *Panorama do rádio no Brasil* (2011). Apresentamos, como exemplo, essas autoras para ilustrar duas questões: a primeira diz respeito às razões evidentes que aproximam mais da pesquisa sobre o rádio os profissionais da área da Comunicação e do Jornalismo do que necessariamente os da História. Quando se trata da História do Rádio, observa-se certo distanciamento por parte dos historiadores em empreitar narrativas de cunho histórico que envolvam o rádio como objeto de estudo. Possivelmente, isso se explica pela incômoda existência, no cerne da operação historiográfica, de uma profunda, mas velada reverência ao documento escrito.

A segunda questão aponta para as vantagens e possibilidades da relação entre os dois campos do conhecimento já mencionados. A aproximação do campo da História e da Comunicação promove uma riqueza de trabalhos e pesquisas, principalmente as que são voltadas para o rádio. O historiador não pode esquecer a importância da estética, da linguagem e do próprio funcionamento do rádio para a compreensão histórica do veículo. Do mesmo modo, o jornalista ou radialista que deseja escrever sobre o rádio não pode ignorar o tempo histórico em que o veículo está inserido, pois o contexto é indispensável para compreensão do universo radiofônico e sua interação com a sociedade.

Nas palavras de Barbosa (2009, p. 11) “a história da mídia enseja sempre a reflexão e a pesquisa empírica sobre sistemas de comunicação envoltos em processos históricos”. A autora, explorando a relação entre os atos comunicacionais humanos e a História, sugere que “cada ato humano se realiza num mundo repleto de historicidade, no qual estão envolvidos não apenas ações que marcam rupturas, mas também atos que configuram continuidades”. Sendo assim, percebe-se que a aproximação da História com a Comunicação engendra colaborações significativas para ambas as áreas.

Todavia, parece que há relativo desinteresse por parte dos historiadores em tratar sobre a história do rádio. Concordando com Calabre (2008, p. 1), “o rádio é, ainda hoje, um objeto pouco presente nos estudos acadêmicos, principalmente na área de ciências humanas e no campo da história, apesar de ter sua importância largamente reconhecida”. Numa rápida pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações é possível verificar esse suposto desinteresse. Por meio de uma busca feita com as palavras-chave “Rádio e História”, encontramos cerca de 40 trabalhos vinculados aos programas de Ciências da Comunicação, e apenas 20 aos programas de pós-graduação em História.

Nair Prata (2016, p. 11), ao tratar sobre a pesquisa do rádio no Brasil, nos diz que esta

[...] teve seu início efetivo nos anos 1980. Até então, as produções eram isoladas, capitaneadas, principalmente, por profissionais da comunicação. Em 1991, a criação de um grupo, pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), com o objetivo de pesquisar exclusivamente o rádio, catapultou a área como locus privilegiado de investigação.

Ainda tratando da produção em teses e dissertações, Nair Prata traz informações relevantes para as nossas reflexões. Segundo a autora, numa pesquisa aprofundada e de maior fôlego, foi publicado, entre os anos de 1987 e 2010, um total de 125 teses sobre o rádio. Quando distribuídas em áreas de conhecimento se constatou o predomínio da Comunicação nesse tema de pesquisa

[...] verificamos que, em primeiro lugar, os estudos sobre rádio se concentram em Comunicação. Das 125 pesquisas, 65 foram produzidas nessa área. Em segundo lugar, está o curso de História, com 15 teses, em terceiro lugar, a área da Educação, e em quarto lugar, Sociologia (PRATA, 2016, p. 34).

Por mais que o campo da História tenha ficado em segundo lugar, percebe-se certa discrepância entre as áreas: enquanto uma possui 65 pesquisas, a História tem somente 15. A despeito dessa tamanha diferença precisamos destacar que a aproximação entre História e rádio, que propõe o diálogo desta com a Comunicação, existe e já foi explorada, ainda que timidamente. Tratando-se das dissertações, ao que tudo indica, o resultado dessa diferença é ainda mais evidente. No total de 486 dissertações encontradas, quando distribuídas em áreas do conhecimento, a História ocupa o terceiro lugar, depois da Educação e da Comunicação que continua no topo com 230 produções (PRATA, 2016).

Retomando o questionamento que compõe o título desta seção: “será que a História sintonizou o rádio?”, quando se evoca o conceito de sintonia, não se trata somente de colocar o rádio como objeto dos estudos históricos, mas de pensar e criar possibilidades de se trabalhar de forma efetiva a história do rádio, com problemas e questionamentos que contribuam para a expansão do campo e que ampliem o instrumental teórico-metodológico para pesquisadores que lidam com a temática. Como já sinalizou Calabre (2002, p. 15),

as dificuldades para a realização das investigações [sobre o rádio] são tanto de ordem documental como de ordem teórica. São lentos os avanços do sentido da construção ou da sistematização de um instrumental teórico metodológico que auxilie nos estudos do papel dos meios de comunicação de massa em suas relações com o público ouvinte e com os diversos segmentos da sociedade.

Com base nessas considerações passaremos a tratar mais especificamente sobre a história do rádio, no dito antigo norte de Goiás. Refletindo sobre o advento deste meio de comunicação no interior do Brasil, tentaremos nos desviar do discurso de “atraso” que caracteriza algumas abordagens históricas sobre a região.

Fragmentos da história do rádio em Porto Nacional (TO)

Já foi citado anteriormente que as primeiras experiências de rádio na antiga região norte de Goiás ocorreram no final da década de 1960. A preocupação é, antes de qualquer coisa, tentar “costurar” esta história a partir da memória local e de alguns fragmentos impressos. Por isso é que se conclama que esta é uma história “fragmentada”, pois restam poucos registros dos primeiros meios de comunicação de cunho radiofônico. Ao que tudo indica era clandestina a primeira rádio a ser instalada na região nortense, mais precisamente na cidade de Porto Nacional².

Nas palavras de Paixão e Rocha (2018, p. 74),

Avançando no tempo até a década de 1960, na região do antigo norte de Goiás, assim como em outras partes do país, à medida que o índice populacional crescia, surgia o interesse por um meio de comunicação que conseguisse integrar as pessoas com sua programação. Destaca-se que, assim como no surgimento da primeira emissora de rádio registrada pela história oficial, a participação política no surgimento do rádio nas regiões mais isoladas do país foi ativa.

Edmilson Ferreira Marques (2014) parece concordar com os autores acima, na medida em que, ao traçar um panorama histórico sobre o rádio em Goiás, em nenhum momento cita como ocorreu esse processo na região nortense. O mesmo se exime dessa tarefa com base nas considerações de Borges (*apud* MARQUES, 2014, p. 19), de que essa região “[...] permaneceu isolada e ocupada esparsamente. Nela, o número de propriedades cresceu somente com o avanço da fronteira depois dos anos 60”, colocando assim o norte goiano à margem de seus estudos.

² Conforme os documentos preservados no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás, o Município de Porto Nacional, do Estado do Tocantins, tem o seguinte histórico: Em meados de 1738 era povoado de Porto Real do Pontal; em 1809 “o lugarejo foi elevado à categoria de julgado”; com a denominação de Porto Imperial tornou-se vila pelo decreto de 1831; pela lei provincial de 1861 ganhou a condição de cidade; em 1890 o município de Porto Imperial, passou a ser denominada de Porto Nacional. Situado na parte central do Estado do Tocantins foi uma das principais cidades do então Norte goiano, antes da divisão do Estado de Goiás.

O Tocantins de agora, região norte goiana de outrora, quase sempre foi narrada como região isolada, esquecida pelos poderes públicos. Inclusive, muitos dos discursos separatistas que reivindicavam a criação de um novo Estado se utilizavam desses pressupostos para uma possível solução. Acreditava-se que somente com a divisão do Estado de Goiás o tão almejado “progresso” finalmente chegaria. O problema é que possivelmente esses enunciados, proferidos pelos autores supracitados, acabaram contribuindo para o que se pode chamar de “cristalização” do antagonismo norte/sul. Do ponto de vista material, o sul de Goiás desenvolvera de forma mais nítida do que a região norte, já que a mesma era considerada tanto geográfica quanto historicamente isolada.

A partir do momento em que essas visões não são problematizadas, compreendidas no contexto em que foram criadas e exploradas, acabam contribuindo para o engessamento e consolidação da ideia de que o passado do estado do Tocantins é explicado por seu histórico de atraso, abandono e isolamento, e que, portanto, carece ainda de desenvolvimento. Acreditamos ser mais plausível pensar a experiência histórica do estado a partir de outra perspectiva, que problematize a construção do atraso e que não seja simplesmente tragada por ela. A proposta de superar essa visão falaciosa já foi trabalhada por alguns autores na historiografia mais recente sobre a história do Tocantins. Noutra pesquisa já foi sinalizado essa perspectiva ao considerar que “as sensações de atraso, abandono e isolamento [...] foram o tripé pra toda obra, que ajudou a sustentar o Norte como região” (NUNES, 2016, p. 271).

Acompanhar a história do rádio pode contribuir para problematizar a noção de atraso no norte goiano. O fato é que as primeiras emissoras de rádio que se instalaram na região nortense ocorreu na década de 1960. Porém, os nortenses não estavam indiferentes ou alheios a esse veículo de comunicação. Antes da instalação, já havia uma cultura radiofônica e uma prática de escutar o rádio absolutamente presente no cotidiano, influenciando a rotina, como pode ser demonstrado na notícia seguinte:

INSTALADO UM RECEPTOR RADIO NA PREFEITURA LOCAL

Adquirido ha pouco acaba de ser instalado na Prefeitura local um receptor radio RCA Vitor para o nosso publico

Dado o isolamento em que temos vivido desde algum tempo sem nenhum receptor em funcionamento na cidade é auspiciosa tal instalação e especialmente em se tratando de um aparelho destinado ao povo (NORTE DE GOYAZ, 1942).

A década de 1940 é considerada a época de ouro do rádio no Brasil, e o Norte de Goiás, especificamente a cidade de Porto Nacional, então no estado de Goiás, acompanhou este período entrando em sintonia com as novidades do momento. Logo, se

torna difícil acreditar que esta região era de fato “isolada”, assim como a própria fonte citada enuncia. Nota-se que o isolamento nessa ocasião está relacionado à ausência ou posse do aparelho receptor de rádio. Não havia estação de rádio própria, mas se tinha um público local que não estava alheio às notícias do Brasil e do mundo trazidas pelo aparelho, pelas radionovelas e canções que marcaram época. A imprensa escrita já consolidada na cidade de Porto Nacional, além de contribuir para circulação de notícias, imprimiu nas suas páginas o novo veículo que dividiria com ela o espaço de comunicação. Esse “aparelho destinado ao povo” expressa, entre outras coisas, o alinhamento com a disseminação do rádio no contexto nacional.

A instalação acima citada foi noticiada no principal jornal que circulava na região, o Norte de Goyaz, produzido pela Tipografia Nortense conduzida pelo médico, jornalista e político Francisco Ayres da Silva. Interessante observar que esse produtor do jornal, nas primeiras décadas do século XX, “[...] foi um dos principais responsáveis por definir o repertório de melhoramentos pelos quais Porto Nacional e o Norte do Estado deveriam se empenhar” (NUNES, 2016, p. 220). Benefícios considerados modernos como telégrafo, grandes embarcações a vapor, estradas de rodagem, ferrovia, entre outros, foram objetos de desejo e parte do projeto de modernização de figuras como Francisco Ayres da Silva, mas até aquele momento nenhum dos projetos foi efetivamente materializado. De acordo com Radamés Nunes (2016, p. 273),

Para incutir no público a sensação de atraso, requisito indispensável para fortalecer a ideia da necessidade de melhoramentos e consequentemente a importância de um mentor que os fomentariam, Ayres falava sobre cidades servidas com bondes, automóveis, ferrovias, grandes vapores, aeroplanos e linhas telegráficas, em seguida, apontava para os métodos de navegação e comunicação das cidades nortenses, qualificados como remotos porque eram ainda inalterados pela falta de melhoramentos.

Nesse sentido, é possível compreender porque a instalação de um receptor de rádio foi considerada “auspiciosa”, pois se tratava da materialização de um melhoramento e objeto de desejo, um dos poucos concretizados efetivamente. Lideranças como Francisco Ayres ao mesmo tempo em que denunciavam o tamanho atraso vivido na região, também se consideravam como os promotores do “progresso” e da modernização para o norte de Goiás, com o objetivo de atrair seus (e)leitores. Logo, toda obra construída ou em vias de construção era propagandeada para ganhar a adesão do povo e de convencê-los de que graças às suas ações era possível dar a sensação a cada nortense de estar em sintonia com o moderno. Por isso, “o jornal propagandeava tanto aparelhos modernos desejados, como alguns já conquistados e presentes na cidade portuense”

(NUNES, 2016, p. 245). A notícia da chegada de um receptor de rádio segue essa mesma tendência: foi mais um dos “melhoramentos” propagandeado pela imprensa e desejado pela população nortense.

Lia Calabre (2002, p. 70) comenta que “à medida em que a década de 1940 vai se aproximando a presença do rádio no cotidiano da sociedade brasileira vai sendo ampliada e se tornando mais evidente”. E como dito anteriormente, o Norte de Goiás não estava alheio a essa ampliação da radiodifusão. Torna-se, então, contestável a ideia ingênua de atraso na região, sobretudo no que se refere à história do rádio.

Em 1942 é instalado um rádio receptor e assim podemos sugerir que este equipamento contribuiu para o anseio da população em ter em sua cidade sua própria estação de rádio. Ao que tudo indica, ouvir rádio possivelmente era para os portuenses um símbolo de ser moderno. Essa consideração nos leva para alguns questionamentos, dentre os quais: por onde passava a noção de modernidade sentida pelos nortenses ou até que ponto o rádio interferiu e transformou o dia a dia da população e sua relação com a informação, o lazer e entretenimento?

Se valendo do comportamento *blasé*, proposto por George Simmel (1967), como uma espécie de disposição anímica própria dos habitantes das grandes cidades, que os tornam incapazes de reagir adequadamente aos novos estímulos, podemos afirmar que o advento do rádio em Porto Nacional possivelmente causou grande efeito na população nortense. Podemos sugerir que nas cidades como Porto Nacional a reação diante de mudanças, como a instalação do rádio, seja mais intensa e perceptível. Essa sutil alteração assumiu grande proporção em termos de sensações e desejos. Um dos desejos provocados foi o de ter uma estação de rádio própria para tratar especificamente das questões e interesses regionais, uma estação que pudesse ser explorada pelas elites da região, já que o mesmo se configurava como o mais novo instrumento de comunicação, inclusive para o jogo de disputa política.

Ao que tudo indica este suposto desejo de finalmente ter no Norte de Goiás uma estação de rádio própria, ou seja, uma rádio originalmente nortense, só iria ser idealizado e concretizado no final da década de 1960. Segundo os estudiosos Paixão e Rocha (2018, p. 77) “[...] o pioneirismo da radiodifusão tocantinense ficou com Antônio Poincaré Andrade”. Em 1968, conforme os mesmos, Antônio Poincaré implantou no município a Rádio Difusora do Tocantins. Poincaré era uma liderança política que também fundou um jornal chamado de “Porto Nacional”. Neste jornal, é anunciada a futura estação de rádio:

VOCÊ TEM A PREFERÊNCIA!
A PRIMEIRA DO NORTE...
E VOCÊ SERÁ O FUNDADOR!
Rádio Difusora Tocantins
A Voz do Norte para Goiás

Estamos fundando uma Sociedade Anônima para explorar a Radio difusão no norte goiano. Dizem que somos sonhadores em pensar numa Sociedade que tem por capital NCR £ 40.000,00 (quarenta milhões de cruzeiros velhos). Mas confiamos no povo nortense, no seu poder empreendedor, e no amor pela nossa Região. Nós vamos triunfar e o nosso triunfo representa a vitória do Norte. É o norte que se irá propagar pelas ondas hertzimas da Rádio Difusora Tocantins - A PRIMEIRA DO NORTE.

Mas, sem sua ajuda não haverá triunfo! Dependemos de todos aqueles, que habitam o Norte pelo Norte e para o Norte. Estamos vendendo ações. Ações que representam uma ajuda ao norte e um emprêgo de capital. Nossas ações são preferenciais renderão 12 ao ano! A renda não é tão grande coisa, entretanto, é necessário lembrar que a valorização do capital empregado é vultuoso, e representa uma economia substancial para o futuro. Imagine que uma ação de NCR\$ 10,00 empregado em material eletrônico, valerá no mínimo, daqui um ano, 2 vezes o capital empregado.

E ainda rende juros!

COMPRE AÇÕES DA RADIO DIFUSORA TOCANTINS

- A VOZ DO NORTE PARA GOIÁS -

Informações com Antonio Andrade - Porto Nacional

Contamos com sua colaboração. E com o beneplacito Divino, iniciaremos o ano de 1968 com o NORTE FALANDO PARA O GOIÁS (JORNAL PORTO NACIONAL, 1968, s/p.).

O fragmento do periódico apresenta informações que nos ajudam a compreender como foi o processo ocorrido para que viesse a ser realizada a instalação da emissora de rádio. Antônio Poincaré solicita a todos os nortenses que contribuíssem na compra de ações da Rádio Difusora S/A. No mesmo trecho é colocado que a estação será instalada no ano seguinte. Pode-se então dizer que a população nortense “abraçou” a causa, pois um ano após o anúncio foi então instalada a estação de rádio.

Ao que tudo indica, o jornal deixa de circular antes da inauguração da rádio. A sensação que temos é que este jornal foi fundado apenas para disseminar a notícia sobre a estação bem como solicitar ao povo nortense que viesse a comprar as ações da futura emissora. Já o jornal *Norte de Goyaz*, curiosamente, não faz nenhuma menção sobre tal acontecimento. Podemos conjecturar os possíveis motivos que fizeram o periódico (que noticiava quase tudo que ocorria na região norte goiana) ter ignorado esta inauguração: como a família Ayres se colocava como promotores do projeto de modernização para o Norte de Goiás, esse silêncio quanto à criação da estação de rádio pode ser explicado pelo fato desse feito não ter sido realizado por eles, ou mesmo por alguma rivalidade política.

Sobre a Rádio Difusora Tocantins, a responsabilidade administrativa ficava ao cargo de Dinorah José Costa, esposa de Antônio. Numa entrevista para o rádio

documentário “O rádio no Tocantins”, Dinorah compartilhou detalhes da programação irradiada pela estação que administrava, afirmando que “Tínhamos vários locutores, como o Lenine, que traziam os cantores aqui da região, de Ponte Alta, como o Palmeron, que cantava com o irmão dele. Era muita música, notícia, propaganda de lojas...” (O RÁDIO NO TOCANTINS, 2017).

O contexto da ditadura militar circunscreveu o desenrolar da estação de rádio em questão. Como não havia uma concessão pública para o funcionamento da mesma, dois anos depois de sua inauguração, foi “empastelada”. Conforme Paixão e Rocha (2018, p. 78),

A emissora, que funcionava dentro da casa de Antônio Poincaré e Dinorah Andrade, também sofreu as consequências da ditadura militar. Conforme publicação no site da prefeitura de Porto Nacional, que traz a galeria de prefeitos do município, a emissora foi fechada pouco mais de dois anos após entrar no ar.

Dinorah, em sua entrevista, relata que “ela ficou no ar em 70. Aí a Polícia Federal veio e fechou o rádio, apreendeu os aparelhos, colocou nos Correios daqui de Porto. Até o momento eu não sei o que foi feito com esses aparelhos” (O RÁDIO NO TOCANTINS, 2017). Assim se desfez parte de um projeto que foi idealizado por nortenses, que desejaram, ou ao menos mostraram desejar, dar “voz” ao norte através do novo dispositivo de comunicação que se popularizava naquele momento; projeto este interrompido dado o contexto em que estava inserido.

Considerações Finais

Narrar a história do rádio é uma tarefa complexa. Exige-se um olhar mais atento às outras fontes que falam sobre o mesmo direta ou indiretamente. O que procuramos elaborar se inscreve dentro da relação proposta entre rádio, imprensa escrita e memória: o jornal de Antônio Andrade - *Jornal Porto Nacional* - que anunciou a chegada da primeira estação de rádio nortense, bem como as falas dos produtores do rádio em Porto Nacional, cujas lembranças da estação puderam ser vislumbradas, deixando entrever também que essa história é marcada por esquecimento. Na construção dessa trama, o grande desafio foi a lida com as fontes para debruçar sobre o tema. Nosso desejo era fazer com que o leitor mal sentisse as lacunas das fontes. Tememos ter faltado habilidade para tal propósito, sendo o que nos conforta é a convicção da natureza lacunar da história,

que, a despeito de nossa habilidade narrativa, não nos impediu de narrar historicamente essa experiência do passado (VEYNE, 1998).

É possível reconstituir uma história do rádio, mesmo não tendo em mãos um programa gravado. Apesar das dificuldades metodológicas, existem caminhos possíveis que podem trazer tanto o cotidiano dos que trabalhavam em estações de rádio quanto do período. Escrever a história do rádio também é escrever sobre a sociedade na qual o aparelho está inserido, seja dentro dos lares ou das estações que irradiam todos os dias as ondas radiofônicas, transmitindo radionovelas ou projetos nacionais.

WHY RADIO HAS HISTORY: HISTORICAL REFLECTIONS ABOUT RADIO IN THE ANCIENT NORTH OF GOIÁS (1940 - 1970)

Abstract: Studies focused on the history of Brazilian radio consider that the radio was a daily companion of the population for all hours in countless situations. The different uses of this vehicle of communication generated from projects of national integration to new types of contacts with tastes, practices and customs from abroad. In this article, we intend to take part of this history of radio through the tracks left by the northern Goiás region of yore, state of Tocantins now. In this sense, we also reflect on the theoretical and methodological procedures around the challenges of narrating and constructing a radio history, given the difficulties, limitations and scarcity of sources inherent to such experience. The proposal aims to weave reflections about the radio as an instrument of, in and for society, with language and aesthetics inserted in a historical context favorable to the use of the North. The north of Goiás then, often presented as a place of backwardness, appears in this plot, from the radio, in another type of relationship based, above all, in line with other so-called modern spaces.

Keywords: Radio. North of Goiás. Press. Tocantins History.

Referências

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

AMORIM, Daniela Oliveira Albertin de. Algumas considerações sobre a história do rádio no Brasil. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO DA FACULDADE CÁSPER LÍBERO, 6, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade Cáspér Líbero, 2010.

BARBOSA, Marialva Carlos. Mídia Sonora e sua inscrição na história cultural da mídia brasileira. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair. (org.). **História da Mídia Sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

CALABRE, Lia. **No tempo do rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil (1923 - 1960)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

_____. **O Historiador e o rádio: relações em questão**. Brasília: FCRB, 2008.

_____. A Era do Rádio - Memória e História. In: Simpósio Nacional de História, 22, 2013, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Anpuh, 2013.

LUCA, T. R. de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKY, C. B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-154

MARQUES, Edmilson Ferreira. **Tecnologia, política e cultura na história do rádio em Goiás (1950-1964)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

NUNES, Radamés Vieira. **Francisco Ayres, lembranças de um porvir: Porto Nacional e a modernização no Norte de Goyaz**. Tese (Doutorado em História) - Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2016.

O RÁDIO NO TOCANTINS. Na Memória do Rádio. Palmas: Rádio UFT FM, 24 de maio de 2017. Programa de Rádio. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/EbslNkwjSEmVfLxjCTUC0A>. Acesso em: 20 de março de 2019.

PAIXÃO, Cláudio Chaves; ROCHA, Liana Vidigal. O rádio no Tocantins: o processo de implantação e consolidação das primeiras emissoras. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 09, n. 01, jan./jun. 2018.

PRATA, Nair. Pesquisa em rádio no Brasil. In: DÂNGELO, Newton; SOUSA, Sandra Sueli Garcia de. **Noventas anos de Rádio no Brasil**. Uberlândia: EDUFU, 2016.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1967.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Ed. UNB, 1998.

SOBRE O AUTOR

Maycon Dougllas Vieira dos Santos é graduando em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFT).

Recebido em 06/09/2019

Aceito em 30/10/2019